

Egloga III.

Gonçalo. Deos te dê bês, & o teu gado,
Crega aos olhos da ventura,
Pois que me dás ainda cura,
Despois de defenganado.

Da vontade sou contente.

Gil. Nem eu dou mais que a vontade,
Màs como esta he de verdade,
Veras se nisto te mente.

Leuante monos que he hora.

Bento. Vamos que tardo ao meu gado.
Gonçalo. Eu vou me com meu cuidado,
Ficai pastores embora.

CARTA QUE O
AVTOR ESCREVEO A HVM
amigo, que estaua fogido da peste
em hũa quinta sua, com a Eglo-
ga seguinte que compos,
no mesmo tempo.

C A neste monte steril, seco, & alto,
Tara onde vim fogindo do castigo,
Que em tantos mentes deu tão grande affalto.

A vista do desiroço, & do perigo,
Que me ameaça est. u continuamente
Fazendo estreitas contas só comigo.
Mas ate neste estado descontente,
Aonde não tem lugar outra lembrança,
Sempre senhor na minha estais presente.
La voa o pensamento, & la descança,
Aonde vos descuidado descançais,
(Se em tal tormenta alguém goza bonança)
Se la não chega o echo de meus ais,
O sentimento, & mal de minhas dores,
Que à vista das albeas crecem mais,
Os queixumes ouni dos meus pastores,
Como algum hora, mais alegre, ouuistes
As graças, & o louuor de seus amores.
E pello que em meus olbos sempre vistes,
Iulzareis se fogi com força ou gosto,
De quem (para mor mal) foge dos tristes.
Borem o couto he tal aonde estou posto,
Que mais tem semelhança do tormento,
Do que para os fogidos melhor rosto.
Graças ao meu prouado sofrimento,
Que faz tam pouca conta de seu dano,
Que ainda culpa o fado de auarento.

Egloga III.

La vos enuio Gil, Franco, & Montano,
Elles darão final do que eu padeco,
Sem resfolbo, sem erro, & sem engano.
O que ha neste desuio vos offreço
O estilo, as palauras tão singellas,
A que tirou a arte, a graça, & preço.
Porem não dana ouuillas, & sabellas,
Tirailhe a casca como a qualquer fruta,
E então direis do fruto que achais nellas.
E se algum dos censores, que me escuta,
(Que por mais fundo vao que este diante,
Sem azas quer passar com a roupa enxuta)
Differ qu'he ser pastor, ser ignorante,
Nem as razões estão só no concerto,
Nem no vestir custoso o ser galante.
Vos que a verdade vedes mais ao perto,
Aceitai Payua illustre o meu cuidado,
Que vay qual sofre o mal deste deserto.
E em quanto nelle viuo desterrado,
Aonde nenbum prazer ja me conuida,
Me auisai se estais liure & descansado,
Terei prazer, descanso, gosto, & vida.

EGLOGA III.

Montano, Franco, & Gil.

Montano.

EM quanto hora este ribeiro
Està da calma abrigado,
Franco amigo, & companheiro,
Deixemos que pello outeiro,
Paste a seu fabor o gado.

Descansemos praticando,
Sentados a borda d'agoa,
E se te aprouer cantandò,
Que o trabalho, a dor, & a magoa,
De seu sò se vem chégando.

Grande remedio do mal,
Foi sempre a conuersação,
D'hum amigo, se he leal,
Ninguem sabe quanto val,
A amizade, & a razão.

O dar razão de seu dano,
He hum remedio commum,
Nenhum mal ha tão tyranno,
Que não fique mais humano,
Em que o não seja nenhum.

O cin-

Egloga III.

O consolar d'hum amigo,
Dar hum' desuso, hum' atalho,
Por socorrer a hum perigo,
He couro para o castigo,
E bordão para o trabalho.

O cantar nunca a ninguem,
Negou sombra de descanço,
E tanto aos tristes conuem,
Que ainda aqui parece bem,
O rogir deste remanço.

Franco. Montano o teu parecer
He bom, & foi sempre assim,
Mas em danos não ha prazer,
E ha muy pouco que escolher,
Entre gado tão roim.

Boa he a razão porem
Nos a temos feito grossa,
E nos males que homem tem,
Dalla donde elles nos vem,
He descobrir culpa nossa.

Em males buscar descudo,
Por cuidar que assim melhorão,
He dar ouvidos a hum mudo,
Nem he final de sesudo,
Cantar quando os outros chorão.

A amig

A amizade he sancta & boa,
Todo o bem Deos nella pos,
Para tudo se afeiçoa,
Mas sô o nome que soa,
Temos Montano entre nos.

Porem deixo esta contenda,
Que he tentar hum vao mui fundo,
Cada hum por si se defenda,
Que emendar agora o mundo,
He ja velho pera emmenda.

Sentemonos se he teu gosto,
Falemos no em que otuieres,
Que a tudo estou desposto,
Trago o coração no rosto,
Mas não de estroua prazeres.

Montano. Se homem trouxer sempre o tino
No mal que se lhe offerce,
Sera triste de contino,
Dezia o velho Corino,
Que a dor estudada cresce.

Quem dante mão considera,
Em dobro os males lhe vem,
Partido que eu não quisera,
Pois os sente quando espera,
E os padece quando vem.

Quem mais ao longe lançou,
Os olhos tem mor fadouro,
Quem sente o mal que esperou,
E inda chora o que passou,
Faz vespéras, & outouairo,

E mais o que reina agora,
Que he de tão má natureza,
Como dizem la por fora,
Que sempre busca a quem chora,
Tanto lhe apraz a tristeza.

Dizem do que morto jaz,
Não faças mais cabedal,
Vai fugindo saluarte as,
Porque atentar para tras,
He ficar monte de sal.

De modo que em tal requesta,
He bom descuidar do dano,
Andar entre jogo, & festa,
Mas só Deos sabe o que presta,
Que o demais he tudo engano.

Desapaixona o sentido,
Vase o demo para o demo,
Anda o teu gado perdido,
Andas passado, & transido,
Bo fê Franco que te temo.

Ande

Franco. Ando com a cabana & fado,
 Eis-me aqui, eis-me ali posto,
 Fugindo d'aldea o trato,
 Hora entre moutas no mato,
 Hora com os ventos no rosto.

Andarei ledo & contente
 Nestes trabalhos assim,
 Que minha estrella o consente,
 Arredando-me da gente,
 E ella fogindo de mim.

Mal se sofre esta mistura,
 Mal descança o que quebranta,
 Vencer fado he cousa dura,
 E cada qual chora & canta,
 Como lhe cabe em ventura.

Eu se me vou por no monte,
 Não ha ali quem mais se ponha,
 Nem quem se assome de fronte,
 Se bebo sequãome a fonte,
 Como se fora peçonha.

Se aporto n'algũs casais,
 Para pedir mantimento,
 He trabalho por demais,
 Atrauestaõse entre o vento,
 Despedem-me por sinais.

Egloga III.

Eis hum me tira as pedradas,
Outro não me quer ouuir,
Foge as orelhas tapadas,
Maodamme que ande a fogir,
Mas não ja pellas estradas.

Bem se julga o que padece,
Quem viue em fim desta sorte,
Pello mal que lhe acontece,
Porem mais males metece,
Quem vai fogindo da morte.

Montano. Nenhum perigo duuida,
Quem trabalha por viuer,
Qualquer trabalho he guarida,
Se para saluar a vida,
Tem valia, & tem poder.

A vida he de si escaça,
Mas seu dono não repara,
No preço, se se embaraça,
Sempre lhe fica de graça,
Quando lhe custe mais cara.

Pranco. Bo fê tam pouco val ella,
E os males que dà por fruto,
Porque homem mais se desuella,
Que sòmente por perdella,
Se pudera perder muito.

Dezia o fengo a verdade,
Se o dizella lhe valera,
Que nin quem vida quiserá,
Se fora dada em idade,
Que cada hum a conheçera.

Mas aos que agora viuemos,
Nestes trabalhos continos,
Dãonola quando nacemos,
Porque nacemos meninos,
Como nescios a queremos.

Montano. Cada hum conta o que padece,
Ninguem sabe o que pragueja,
Cousa he que a olho acontece,
Que o que sempre se deseja,
Tambem a tempo aborrece.

Mas mudemos hora o posto,
Não te has tanto de aflombrar,
Canta agora, troca o rosto,
E se não for por teu gosto,
Seja por me contentar.

Francisco. Se o meu dano te contenta,
Quero seguir o teu norte,
Contra o mal que me atromenta,
Serei qual cisne na morte,
E cerea na tormenta.

Egloga IIII.

Tempera, esse teu psalteiro,
Que o meu sem cordas quebrado,
Ficou pastor pendurado,
No gancho de hum amieiro,
Em fê do tempo passado.

Nem esperes que a cantiga
Trate de cousas d'amor,
Que a ventura minha iñiga,
Ia de amor me desobriga,
Deos sabe o que era melhor.

CANTIGA.

Fogirão meus olhos
Dos males que viram,
De mim não fogiram.

VOLTAS.

Bem mostrão agora
No seu proceder,
Que por me não ver,
Me saltarão fora,
Mas no peito mora,
O mal que elles tem,
No rosto não vem,
O que na alma virão,
Selha descobrirão.

Vierãose afinha,
Com grandes receos,
De males alheos,
Sem ver os que eu tinha,
Mas a sorte minha,
La lhe tem mostrado,
Ser mais acertado,
Que de mim fogiram,
Se a minha alma viram.

Despois de atinar,
Vello he mor magoa,
Que se a razão d'agoa,
Sô por não me olhar,
No mesmo lugar,
Dos males presentes,
Vem horas contentes,
Que outras horas virão,
Mas tambem fogirão.

F A L A.

Quando o cantar entristece,
Falar Montano he melhor,
Mil vezes homem se esquece,
Chora & conta o que espadece,
Cor negra, não toma cor.

Deixe.

Egloga III.

Deixemos hora a sequeſta,
Que ja não pode dar goſto,
Fingir prazeres, que preſta,
Se no mór goſto, & mor feſta,
Nos dà ſempre o mal de roſto.

Eis la vejo vir decendo
Gil por aquella aſſomada,
Que ao longe eſta apparecendo,
Brademoslhe, que em nos vendo
Ha de decer pella eſtrada.

Montano. Mas creio que nos ſintio,
Franco. Não ves que agora apupou.
Franco. He certo que nos ouuio,
Nunca tal paſtor ſe vio,
Dos que o Lena ſuſtentou.

Montano. Teue tambem ſeu deſtroço,
Inda mal ninguem eſcapa,
Todos toma a morte a coço,
Ditoſo o que deixa a capa,
Sem ficar pello peſcoço.

Deulhe a morrinha no gado,
De ſorte lhe ficou res,
Elle anda aſſi traſmontado,
Nem parece em pouoado,
Nem ſabe aonde poem os pés.

Gil. Deos vos salue, chegarme ey?
Ou tendes de mim receo?

Montano. Certo Gil eu te direi
Homem por guardar-se veo,
Quanto eu guardarme não sei.

Gil. Tu diras se vês sem mal,
Que não es pastor sandeu.
Sem males não venho eu.
Que effes são meu cabedal,
E effes sô tenho de meu.

Mas quanto o mal Deos vos guarde,
Que ca nos fez aparrar,
Não tendes que recear,
Que inda que lhe fogi tarde,
(Inda mal) pude escapar.

Montano. Fiques tu são, que em effeito
O mais tudo tem em menda,
Homem tem lhe o preço feito,
Tenha a vida o seu dereito,
Perca-se embora a fazenda.

Sentate se te aprouuer,
E daras nouas da aldeia,
Que bem as deves saber,
Inda que ellas podem ser
Como homem sempre arreca.

Egloga III.

oil. Certo amigo melhor fora,
Ter qualquer outro castigo,
Que o de renouar agora
Males; que a alma me chora,
Cada momento que os digo.

Que nouas se podem dar,
Donde tão tristes se dão,
Senão taes que com chorar
Acabe de arreentar
Do que sente o coração.

Hontem quando o sol nasceo,
Me pus sobre aquelle outeiro,
Que a vista me faleceo,
Tão triste como o primeiro,
Que a tristeza conheceo.

Pus estes olhos cançados
No lugar, & na ribeira,
Nas cabanas, & nos gados,
Leuanteios de maneira,
Que estauão d'agoa alagados.

Vi muito gado perdido,
Sem pastor, sem pegureiro,
Por entre as balças metido,
Aqui balaua hum cordeiro,
Sem ser da mãy soccorrido.

Acolà daua outro balo,
Amimofa ouelha branca,
Outra jaz morta no valo,
Outra sem poder saltalo,
Vem entrezilhada & manca.

As cabras vam pello ourciro,
Cada qual toma hum atalho,
Cada qual segue hum carreiro,
Ia não nas guarda o rafeiro,
Ia não nas guia o chocalho.

Ia no valle não parece
Pastora, que o gado leue,
Se algum pastor se offerece,
Ou sente o mal que padece,
Outeme, & sente os que deue.

A terra o gado recebe,
Por costume, & sem engano,
Dalhe o de que come & bebe,
Não ha vallado, nem sebe,
Nem quem o acoime do dano.

Tudo està como deferto,
O mato ló se pouoa,
E n'aldea em descuberto,
Assim como por acerto,
Se diuisa hũa pessoa.

Estão sem gado os currais,
 E os pastores sem abrigo,
 Nas brenhas & pedregais,
 Morão como em tempo antigo,
 Os homês, & os animais.

He morto o nosso Elyseo,
 (Nunca ouuera de morrer)
 Quanta perda ali nos veo?
 Quanto a morte fez alheo?
 E quanto ser fez não ser?

Quanta fazenda baldia,
 De que outrem ja come o fructo
 Pasma toda a freguezia,
 Só nelle se perdeu muito,
 Porque elle era o que sabia.

Morreo Almeno, & Serrano,
 E outros que affaz presumirão,
 Ser valentes contra o dano,
 Os pronosticos do gano,
 Certo Gil bem se comprirão.

Eis agora a novidade,
 He, que abonde a Deos lououros,
 Nos annos da estrellidade,
 Foi della a necessidade,
 Mas agora he dos pastores.

Anda homem anda nesta fadiga,
Se fogir escaparey,
Ninguem sabe aonde periga,
A verdade he, nenhum diga,
Deita agoa não beberei.

Quantos estauão bem fora
Do mal em que se hora vem,
Que sentem leu dano agora,
Ninguem ria do que chora,
Que pode chorar tambem.

Qual ha que nunca cuidou
Verse defacompanhado,
E a tanto extremo chegou,
Que a preço do que deixou,
O não vemos enterrado.

Este gado por seu mal,
Recontado tantas vezes,
Por fazer mais cabedal,
Fez ver seu dono o curral,
Vazio de tantas rezes.

Quando este mal começou,
Assi começou tambem,
Pello Rei tanto que errou,
Quando as manadas contou,
Que Deos só contado tem.

Egloga IIII.

Montano. Quanto eu tinha os olhos ja
Correndo as agoas em fio,
E o coração tal está,
Esta dor não tem deluio,
Quem a sente o sabera.

Ah mal aya a mã cobiça,
Que tanto trabalho ordena,
Este mal vem por justiça,
De faisca tão pequena,
Olhai que fogo se atiza!

Lembre-me segundo creio,
(Ainda eu gradado não tinha)
De hum vaqueiro que aqui vco,
No começo da morrinha,
Pode ser que com receo.

Dezia que hum estrangeiro,
Que hora eu não sei nomear,
Pello nome verdadeiro,
Por engano, ou por dinheiro,
Trouxe a peste d'alem mar.

Não souberão ter recato
Os seus, te que neste enseo,
Como o mal era sobejo,
Ate ou selhe entre o fato,
Com que vinhão para o Tejo.

Este

Este interesse inuejoso,
Que nunca a de ter em menda,
Fez secreto o perigoso,
Deu azas ao mal forçoso,
Em se e pathando a fazenda.

Morre aqui, morre acolà,
Eis que aqui corta, ali corta,
Mas a tempo que o não dà
A morte que andava ja,
Como d'hua em outra porta.

Acodirão toda via,
Os abegões da ribeira,
Cada hum como entendia,
Cortauão por onde ardia,
Dauão mais lenha a fugueira.

Eis o fato que ficou,
Hum se queimava outro não,
Mal pello que o cobigou,
Que em fim ficou por tição,
Em lugar do que tirou.

Atè que a tudo abrangeu,
E a nos (inda mal) tambem
Que a cobiza se estendeu,
Ao que tem tudo de seu,
E ao que de seu nada tem.

Egloga III.

Ah não fora mais barato,
(Se eu isto assim dizer posso)
Sem cobiça, & sem contrato,
Vestirse homem deste fato,
Da lam do gado que he nosso.

Não parecera louçam,
Feita do pano da serra,
Hũa roupeta aldeam,
Que mal tem a nossa lam?
Que não traz peste, nem guerra.

He erro desta montanha,
Cada hora toma hũa cor,
Sò suas cousas acanha,
Venha o mal da terra estranha,
Porque esse ha-de ser melhor.

Cousa he esta desigual,
Te o trajo seja estrangeiro,
Que não presta o natural,
O que aprendeo ca, não vale
O de fora he mais certo?

Mas torno a minha tenção,
Tudo isto a cobiça faz,
Por bês que nem vem, nem vão,
Bras morreo pello gabão,
Com elle enterrado jaz.

Ines colhe o mesmo fructo,
 Dos ganhos de sua herança,
 Perde quem cuida que alcança,
 Deixa pello pouco o muito,
 Mà escolha, & mà bonança.

vil. Forte mal, & forte engano,
 He das nossas louçainhas,
 Bem se escusaua este dano,
 Tambem nos fazemos pano,
 Da lam de ouelhas meirinhas.

Tu o disseste inda agora,
 Tudo o que he nosso aborreço,
 Nenhum natural melhora,
 Vise a fome de fera,
 Que a fé que ca se vende.

Por isto qualquer profano,
 Nos toma para entremes,
 Porque fazemos cada anno,
 Té no trajo Portugues,
 Mais mudanças que hum Sigano.

Não romamos isto em grosso
 Vestimos por tantos modos,
 Cada hora que dizer posso,
 Que não temos trajo nosso,
 Porque o romamos de todos.

Egloga III.

E em tal estado nos pôs
Este mal, que a tudo iguala,
E não he nos trajos sòs,
Mas se algum da vilia fala,
La não fala como nos.

Franco. Bõ se ja me eu contentara,
Desse mal se outro não fora,
Se nos costumes dagora
A alma os trajos não tomara,
Caira o dano a de fora.

Em fim todos somos tais,
Quero calarm'eu tambem,
Enchãose embora os currais,
Que os daquelles que tem mais,
Menos lhes basta o que tem.

Montano. Atalhemos as razões,
Que tem Gil lonje o caminho,
Aja outro dia as questões,
Deos nos benza os coraçõs,
Para o nosso sam Martinho.

Aqui tês boroa & leite,
Gil com amor & amizade,
Não he ben que isto se engeite,
Oxala que te aproueite,
Como he de boa vontade.

Depois

Despois te hiras teu vagar,
 Para onde tês o abrigo,
gil. Certo que hoje he mau de achar,
 Mas bem se podem passar,
 Os males com hum tal amigo.

E ja que eu não alcançei,
 As graças de vosso canto,
 Al vos não aceitarei,
 E se eu fui o que estrouei,
 Ainda o sinto outro tanto.

Pesame que he tão pequeno,
 O dia para o pagar,
 Que eu vos dissera hum cantar,
 Que ouui ao nosso Lereno,
 Tambem no nosso lugar.

Estaua eu tam pouco ledo,
 Como o pastor triste estaua,
 E elle chorando cantaua,
 Assentado em hum penedo,
 Ao tom da agua que passaua.

Francisco. Assim te eu veja prazer,
 Canta pastor não te vas,
 Que as horas se hão de deter,
 E inda o sol tornara arras,
 Por te ouuir & conhecer.

23
Egloga V.

Agora he mais doce o dia,
He a hora em que consiste,
Triste & doce melodia,
E para hum canto tão triste,
Sô esta hora se pedia.

La agora as aues não voão,
O gado deca dos montes,
A sombriose os orifontes,
Ao lonje quebrando soão
Docemente as claras fontes.

As nuvês se vão tecendo
Sobre os outeiros vezinhos,
Aonde o sol esteue ardendo,
E elle por roxos caminhos,
La sobre o mar vai decendo.

ELEGIA.

gil. **A** Qui nestes outeiros leuantados,
Que descobrem do mar a roxa entrada,
Nesta verde ribeira, & nestes prados.
Aqui nesta floresta celebrada,
Semeada de flores & boninas,
De cristalinas fontes rodeada.

Aqui nestas moradas peregrinas,
Que despois Fortuna nossa imiga,
Daquellas semideosas dellas dinas.
Aqui foi, olhos, vossa Troya antiga,
Onde vos apparece este deserto,
Que a fôspiros, & a lagrimas obriga.
Aqui o fero Achilles em concerto,
Seus ousados guerreiros ordenaua,
Ali andaua Vlysses encuberto.
Ali Sinon o astuto, fabricaua
O soberbo caualo de madeira,
Que com o nome de Palas enganaua.
Acolá foi o incendio, & a fogueira,
Da riqueza de Troya em mãos albeas,
Que o fado conuerteo desta maneira.
Por ali foi fogindo o pio Eneas,
Com os Deuses, & o pai na companhia,
Que do Tibre despois teue as areas.
Aqui foi Troya, ou foi minha alegria,
Que em quanto o consentia amor tyrano,
Nos meus contentes annos florecia.
Não forão Gregos causa deste dano,
Mas se là foi engano, & foi inueja,
Tambem ca foi inueja, & foi engano,

Egloga IIII.

Durou mais de dez annos a peleja,
Foi hum ardil sòmente o fim da guerra,
E o meu não quer a sorte que inda seja.
Eis o fogo do ceo que abraza a terra,
Não ha dos mais ousados quem o aguarde,
Quem se esconde, quem foge & se desterra.
O verde como o seco tambem arde,
E tu patria dos fados tam mimosa,
Pera ser mor teu mal, foi ser mais tarde.
Estaua a mão diuina piadosa,
Para te leuantar este castigo,
Mas não mereces ser tam venturosa.
Se em fogo tão cruel, tão inimigo,
Lagrimas que nacerão desta magoa,
Tem força de atalhar algum perigo.
Se pouca agoa lançada em hũa fragoa,
Em fogo mais cruel se não resume,
Tornaiuos olhos meus em fontes dagoa,
Ainda que se escureça o vosso lume,
Tirai deffas entranhas rios della,
E não vos vença o aspero custume.
Porque se para ver patria tam bella,
Desejaueis a luz serena & pura,
Se o mal ha de durar qual podeis vella.

Ia não vereis colher sobre a verdura,
 As Driades, capellas de mil flores,
 Competindo com a cor, a fermosura,
 Vereis cortando o prado os lauradores,
 Com seus curuos arados ir ferindo,
 Os mal cubertos ossos dos pastores.
 Ia não vereis as aguas ir fugindo,
 Temerosas da sombra dos salgueiros,
 Que a praia contra o sol estão cubrindo.
 Mas vereis as pisadas, & os carreiros,
 De outros Eneas mil que se apartarão,
 Com Anchises tambem por companheiros,
 Ia deste prado as flores se secaram,
 Ia se secou a nossa primavera,
 Ia nossas alegrias se acabarão.
 Ah doce patria minha quem podera,
 Resgatar com a vida o teu sossego,
 Que como Curtio fez tambem fizera.
 Tornouse curuo o Tejo, & o Mondego,
 Envoluei vossas aguas, Lis, & Lona,
 Assombrai tristemente o fundo pego.
 Cabi soberbos montes, & alta pena,
 Baixos valles abri vossas entranhas,
 Claras fontes secai, que Amor o ordena.

Egloga V.

Escondei-vos no mar altas montanhas,
Que já vossos pastores conhecidos
Perigrinand'vão terras estranhas.
Hũs da temida morte andão fugidos,
Outros della vencidos se esconderão,
Nas entranhas da mãy dos mais nascidos.
Ja vossas alvas Nymphas perecerão,
E por estes outeiros cauernosos,
Em Echos de temor se conuerterão.
Ah pastores do Lis mais venturosos,
Que já gozais do ceo claro & sereno,
E da vil morte estais pouco medrosos.
Deste desterro aonde agora peno,
Aceitai por offerta este desejo,
E estes suspiros tristes de Lereno.
Que em quanto vos não sigo, & vos não vejo;
Não me fica que dar mais, que dar ais,
E lagrimas que creção mais que o Tejo,
Te chegarem pastores aonde estais.

CARTA